



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE FILOSOFIA**

LIDIANE BRITO DO NASCIMENTO

FUNDAMENTOS PARA A LIBERDADE EM SIMONE DE BEAUVOIR

CAMPINA GRANDE

2015

LIDIANE BRITO DO NASCIMENTO

FUNDAMENTOS PARA A LIBERDADE EM SIMONE DE BEAUVOIR

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Filosofia.

Área de concentração: Existencialismo.

Orientador: Prof. Dr.Roberto Rondon

CAMPINA GRANDE

2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

N244f Nascimento, Lidiane Brito do
Fundamentos para a liberdade em Simone de Beauvoir
[manuscrito] / Lidiane Brito do Nascimento. - 2015.
18 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2015.
"Orientação: Prof. Dr. Roberto Rondon, Departamento de
Filosofia".

1. Filosofia 2. Liberdade 3. Existência 4. Ambiguidade 5.
Tempo I. Título.

21. ed. CDD 100

LIDIANE BRITO DO NASCIMENTO

Fundamentos para a liberdade em Simone de Beauvoir

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Filosofia.

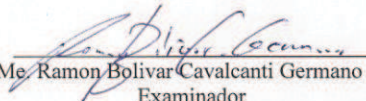
Aprovado em 22/05/2015.



Prof. Dr. Roberto Rondon / UFPB
Orientador



Prof. Dr. Valmir Pereira / UEPB
Examinador



Prof. Me. Ramon Bolivar Cavalcanti Germano / UEPB
Examinador

FUNDAMENTOS PARA A LIBERDADE EM SIMONE DE BEAUVOIR

NASCIMENTO, Lidiane Brito¹

RESUMO

O presente artigo aborda a temática da Liberdade em Simone de Beauvoir. Faremos um recorte na obra *Por uma Moral da Ambiguidade* onde iremos compreender o que vem a ser a liberdade para Beauvoir. Segundo a filósofa, o homem é naturalmente livre, por isso que nenhum destino pode ser atribuído a ele, uma vez que não há essência, mas existência, e esta se dá pela presença no mundo. Ao passo que a existência afirma-se na liberdade esta se constitui em possibilidades concretas, possibilidades estas dadas tão somente pelas escolhas, no entanto, estas não são fácies, uma vez que a existência esta mergulhada na ambiguidade. Vivemos, na angústia entre o *ser que se faz falta de ser a fim de que haja ser*, em que nesse revelar-se encontramos uma intencionalidade em desvelar-se na alegria e o desvelar-se na angústia do fracasso ao se perceber que não é. Mas estando a existência mergulhada na ambiguidade, esta se faz no tempo, uma vez que, a condição é temporal, onde a existência se lança se projeta a cada dia (presente) para o amanhã (futuro) que considera como uma realidade dada cada instante.

PALAVRAS-CHAVE: Liberdade. Existência. Ambiguidade. Tempo

1. INTRODUÇÃO

O século XIX foi marcado, de modo geral, por grandes convicções. A ciência afirmava seu êxito enormemente no progresso tecnocientífico; os capitalistas, nas vantagens da expansão industrial; os românticos, no valor da pátria e dos sentimentos nacionais; os socialistas, na construção do socialismo como solução para os problemas sociais. No entanto, poucas dessas convicções subsistiriam intactas durante o século XX, pois os resultados esperados não se concretizaram e várias dúvidas se abriram. Ocorreram eventos especialmente trágicos, nos quais a irracionalidade alcançou dimensões gigantescas: as duas guerras mundiais, que derramaram sangue em uma escala jamais vista na história da humanidade; a barbárie nazista, que assombrou o

¹ Aluno de Graduação em Filosofia na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
lidianevaiagrecia@gmail.com

mundo por sua imensa crueldade; a guerra fria entre os Estados Unidos e União soviética, que polarizou grande parte do planeta e só terminou com o fim desta última.

Em meio a esses acontecimentos de guerra e barbárie, desenvolveu-se a produção de diversas correntes filosóficas, entre elas o Existencialismo², que Sartre define como: uma doutrina que coloca o homem como deve-a-ser “A essência precede a existência”. Primeiramente existimos, dotados de corpo e realidade, fazemos escolhas, uma vez que somos livres, e assim, na medida em que nos construímos damos uma essência a nós mesmos.

Simone de Beauvoir nasceu em Paris, na França no dia 9 de Janeiro de 1908. Estudou letras e filosofia, seu círculo de amizade entre tantos amigos foram; Merleau Ponty e Sartre. Escreveu romances, autobiografia e ensaios filosóficos. A obra *Por uma moral da ambiguidade* é considerada um ensaio filosófico escrito no ano de 1947, momento histórico crítico já citado, onde valores, princípios, liberdade e individualidade humana foram questionados.

Beauvoir na obra *Por uma moral da ambiguidade* procura oferecer uma análise que contempla a singularidade da existência individual sem, contudo permitir que esta singularidade seja justificada para solipsismos. As bases da ética promovida por ela, ao contrário, vão afirmar a realidade de projetos e sacrifícios individuais.

“Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, diz Simone de Beauvoir (1980, p. 9) em *O Segundo Sexo*. Pensamento fundado na Filosofia Existencialista, que afirma como seu princípio central que a existência precede a essência. Mas, o que significa dizer, nesse caso, que a existência precede a essência? Significa que, em primeira instância, a mulher (e o homem) existe, encontra a si mesmo, surge no mundo, e só posteriormente se define, torna-se. A Filosofia da Existência se destaca por tratar a existência, *em si mesma*, como problema. Entendendo-se *problema* a necessidade que o indivíduo tem de compreender tanto a si mesmo como a realidade que o envolve. Ela toma a existência não como algo acabado, mas como algo que se faz, dentro da necessidade de existir. Para Beauvoir não há uma essência, uma vez que a existência se dá no *fazer-se ser* na realidade concreta.

² Existencialismo é um termo aplicado a uma escola de filósofos dos séculos XIX e XX. Tendo como precursor Soren Kierkegaard Ele sustentava a ideia que o indivíduo é o único responsável em dar significado à sua vida e em vivê-la de maneira sincera e apaixonada, apesar da existência de muitos obstáculos e distrações como o desespero, ansiedade, o absurdo, alienação e o tédio

Tanto para Beauvoir, como para os filósofos Existencialistas, a essência configura-se dentro da tradição filosófica desde Sócrates até aqueles que acreditam que o homem é um ser de essência, ou seja, o homem é aquilo determinado, conceituável. Segundo Abbaganano, “entende-se por este termo em geral qualquer resposta a pergunta o que é?” (2007, p. 358). Ao responder a pergunta, por exemplo: “O que é o homem?”, ouve-se a resposta: “Um animal racional.” Nessa resposta qualifica-se o homem afirmando-se que todo homem é racional, dando-lhe assim um conceito universal e eterno. O homem, tal como o existencialismo ateu o concebe, só não é passível de uma definição porque, de início, nada é: só posteriormente será alguma coisa e será aquilo que ele fizer de si mesmo. Assim o homem existe antes de ser definido.

Desse modo, a existência é uma construção e, ao construir-se, o sujeito escolhe ser, e será nessa escolha, dentro das suas possibilidades, que se dará a liberdade.

Esta necessidade é tomada por Beauvoir como a única forma autêntica de dar sentido à existência individual e à inserção desta existência singular na existência comum, onde é percebida a presença de todos os outros seres. A sua filosofia caracteriza-se, principalmente, por centrar *no* indivíduo a responsabilidade de sua realização. Não aceita conceitos como *essência humana, absoluto e universal*, cujas noções pressupõem uma anterioridade à existência individual.

No presente estudo buscamos apresentar os fundamentos do conceito de liberdade em Beauvoir, fazendo um recorte no ensaio *Por uma moral da ambiguidade (Pour une morale de l'ambiguïté)*, originalmente escrito em 1947.

Considerando a liberdade como um problema vivido subjetivamente e, muitas vezes, mostrando-se revestida por uma “dissimulação” da verdadeira responsabilidade do indivíduo, Beauvoir nos indica que a liberdade sobrevém da capacidade de constituir-se livre e soberano. Às vezes, atribuir à alteridade funções que dizem respeito à própria conquista da liberdade de existir pode significar a não assunção de tais funções como possibilidades de desvelamento da própria liberdade, já que o sujeito é um existente imerso na contingência do *mondo*.

A ação humana, portanto, está sujeita às possibilidades. Possibilidades essas que podem ser pra ganhar ou perder, então, podemos observar no pensamento de Beauvoir, que há dois pilares fundamentais: um positivo que é o lançar-se, jogar-se; e o outro negativo, o não lançar-se, o não jogar-se. Dessa relação, por assim dizer dialética, o ser pode realizar-se em sujeito livre e sujeito que não o é, pois foge em assumir a si mesmo

a tendência a ser. O ser é enquanto sujeito livre. Entretanto, quando escolhe não ser, demite-se de sua liberdade, mas continua existindo, *sendo* alguma coisa.

Se houvesse a pretensão de se criar uma frase aproveitando o jargão existencialista que tentasse resumir a filosofia de Beauvoir, poderíamos dizer que, para ela, “o ser humano é condenado à ambiguidade” (Beauvoir 2005, p.9). A ambiguidade faz das escolhas, o princípio da liberdade. Estamos aqui para viver escolhas dentro das possibilidades, no entanto, essas possibilidades de querer ser fracassam o sujeito, uma vez que ele projeta esse querer ser, pois esses projetos no quais se atualiza são condenados, e os fins circunscritos por esses projetos permanecem miragens, ou seja, de nada adianta projetar essas escolhas, pois com essas tentativas abortadas, a transcendência humana se abisma, mas o desvelamento implica uma perpetua tensão para manter o ser à distância do mundo, e assim para arrancar-se do mundo e afirmar-se como liberdade, mas, ao mesmo tempo em que o ser quer distanciar-se do mundo, ele quer desvelar-se nele, pois diz Beauvoir, “querer o desvelamento do mundo, querer-se livre é um único e mesmo movimento” (BEAUVOIR, 2005, p.28).

Neste movimento de ambiguidade, de desvelamento e liberdade, Simone tenta mostrar o que vem a ser essa última. “A liberdade é a fonte de que surgem todos os significados e todos os valores” (BEAUVOIR, 2005, p.29), ou seja, é o constituinte da existência, uma vez que são nas escolhas que os indivíduos se definem pela atribuição de significados. Acrescenta ainda, “ela é a condição original de toda justificativa da existência” (BEAUVOIR, 2005, p.29), pois ela constrói, edifica, uma vez que a existência não tem significado, mas tem uma justificativa que são as escolhas. Então a existência se dá pelas escolhas e não se trata para ela de se perguntar se sua presença no mundo é útil; se a vida vale a pena ser vivida, pois essas são questões destituídas de sentido. Trata-se de saber se se quer viver e em que condições.

Um sujeito que não escolhe, existe? A existência se dará no pensamento? Ou pela escolhas concretas? Como a liberdade se afirma? Serão essas questões que irão nos nortear daqui em diante.

2. CONCEITO DE LIBERDADE

Em, “*Por uma moral da ambiguidade*”, Beauvoir afirma que “querer a liberdade, querer desvelar o ser, é uma única e mesma escolha” (BEAUVOIR, 2005, p.28).

Afirmar que o ser *quer* desvelar-se equivale a dizer que o ser deseja ser livre. O ser tem o desejo de querer desvelar a si e ao mundo porque esta é a única consistência real do ser, *o querer ser*. O ser em si mesmo não apresenta nenhuma consistência, a não ser através de seus projetos de querer-ser.

Assim, a existência subjetiva é constituída de movimentos do ser em direção à superação de si mesmo. Sem o constante movimento de superar-se através da possibilidade encontrada no mundo dado, o ser não encontra a possibilidade de desvelar-se enquanto desvela o dado do mundo (o objeto). Se não houver o desvelamento do ser no dado do mundo, seu desejo original de *querer ser* não encontra sustentação, e acaba por lançar o indivíduo sobre si mesmo, em um vazio de realização.

A liberdade é própria do sujeito que constrói sua existência, uma vez que ele é dotado de potência. Nesse sentido, pode-se afirmar que o destino é algo que é atribuído a Deus, o que nos leva ao questionamento: mas se não existir Deus, então vou deixar de existir? Pois bem, Beauvoir (2005) afirma que não, uma vez que o destino não existe, pois o sujeito constrói o destino. O destino depende do homem e não o homem do destino.

O ser do homem se manifesta a partir do momento que ele se enxerga como ser, pois a vida se funda a partir dele mesmo e se não se reconhece como ser, a vida é guiada pela contingência, “mas a ela é permitido querer dar a si um sentido e uma verdade” (BEAUVOIR, 2005, p.30), desse modo, a questão de viver não é o perguntar pela sua importância ou utilidade, mas dar um sentido para si.

A liberdade apela e exige a universalidade, daí a liberdade aparecer no plano moral, uma vez que ela se realiza no agir. Para ela, “querer-se moral e querer-se livre é uma única e mesma decisão” (BEAUVOIR, 2005 p, 26). Mas, como querer-se livre se a liberdade é dada? É esta ambiguidade de querer e ser que constitui a existência, pois ao mesmo tempo em que deve ser conquistada é aí que ela se dá. É a partir das minhas escolhas que dou sentido à minha existência, pois serão estas escolhas que irão constituir o homem.

Ao agirmos fazemos escolhas, dessa forma agimos livremente. A liberdade não se desvincula do agir, então, podemos concluir que, para Beauvoir, a liberdade não é apenas um conceito abstrato e metafísico, mas uma atitude concreta e essa concretude realizam-se no agir, ou seja, na moral.

A liberdade se dá na existência, no entanto essa se entrelaça na ambiguidade, que é a característica da existência O ser tem o desejo de querer desvelar-se no mundo,

porque esta é a única consistência real do ser, *o querer ser*. O ser em si mesmo não apresenta nenhuma consistência, a não ser através de seus projetos de querer-ser.

Portanto, Beauvoir coloca que, “por um lado, a liberdade pode sempre ser salva, porque ela se realiza como desvendamento da existência através de seus próprios fracassos, e pode ainda confirmar-se por uma morte livremente escolhida” (BEAUVOIR, 2005, p 31). Assim, podemos dizer que estar na condição de liberdade é aceitar e aderir ao fracasso da vida, e, a partir deste, tentar desvendar a existência e poder estar pronto para uma livre escolha de como querer um bem quanto uma moral autônoma do ser humano. Por isso, quando falamos em liberdade, estamos falando de um movimento de libertação da própria existência humana.

3. O QUE É EXISTIR

Sartre, em o *Existencialismo é Humanismo* (1973)³ coloca duas correntes existencialistas: a primeira cristã, que não suprime a ideia de que a essência precede a existência, onde o homem possui uma “natureza humana”; o segundo ateu, da qual Sartre faz parte, coloca que se não há um Deus, há pelo menos um ser no qual a existência precede a essência, este ser é o homem, ou seja, o homem nada mais é do que aquilo que faz de si mesmo. Na linha de Nietzsche e Dostoiévski, se não há um deus sou responsável pelas minhas escolhas. Simone Beauvoir também fez parte da segunda corrente, defende que “a essência precede a existência”, porém vamos compreender o que Simone de Beauvoir definiu por existir.

Para Beauvoir Existencialismo é a filosofia da inquietude, não estamos prontos, cada instante fazemo-nos falta de ser. O ser é, mas falta ser, essa é a trágica ambiguidade de um ser que falta ser. Para Beauvoir, a própria vivência humana e a reflexão filosófica colocaram historicamente a condição humana de maneira unilateral, não vislumbraram a própria condição como coloca a filosofia existencialista Beauvoriana que é a irreduzível ambiguidade, porém, essa falta de ser de que haja ser, indica claramente uma intencionalidade; não é em vão que o homem nadifica o ser, graças a ele o ser se desvela e é nesse querer que o ser se desvela, ou seja, o existencialismo Beauvoriano nadifica o homem, não como coisa sem vida , sem

³ Esse escrito Satriano foi uma resposta aos críticos que não compreenderam o tenor de sua filosofia existencialista, que diz que o ponto que define o existencialismo é o do que a existência de uma pessoa precede a sua essência. Isto é, apesar de uma pessoa existir, não existe nada para ditar o carácter e os objetivos de vida de uma pessoa. Apenas cada ser humano por ele próprio pode definir a sua essência.

justificativa, sem paixão, mas como próprio da condição ambígua, pois uma vez que nada sou, busco ser. Há um tipo original de apego ao ser que não é a relação querer ser, mas querer desvelar o ser, nesse sentido não há fracasso, mas o contrario sucesso, uma vez que essa dialética sem síntese da existência engrena a máquina da vida.

Para Beauvoir, existir consiste primeiramente estar no mundo, dotado de corpo e uma realidade e, em seguida, apropriar-se de si, ser senhor de si mesmo, ser soberano das condições autênticas da sua vida no mundo. Sendo ela tomar-se a si mesmo é preciso tirar de si mesmo a força de viver e razões de agir, uma vez que a existência se define como ambiguidade de “um ser que se faz falta de ser, a fim de que haja ser” (BEAUVOIR, 2005, p16).

Afirma Beauvoir, “o homem existe. Não se trata para ele de se perguntar se sua presença no mundo é útil, se a vida vale a pena ser vivida: são questões destituídas de sentido trata-se de saber se ele quer viver e em que condições” (BEAUVOIR, 2005, p.19). A existência é firmada na justificativa que o homem cria para si, a partir de sua realidade no mundo, uma vez que, este se completa na sua relação com o mundo no momento em que se desvela. Como coloca Viana:

“pensá-lo inserido numa situação existencial é tentar pensá-lo em uma amplitude mais próximo de sua realidade; é pensá-lo em tal ambiguidade situação de subjetividade soberana e solitária em meio do mundo dado” (VIANA, 2009, p13).

Podemos considerar que a filosofia existencialista de Beauvoir é uma filosofia da alegria mesmo sendo colocada a angústia, pois é no reconhecimento da ambiguidade que o ser desvela e justifica sua existência.

Para Beauvoir, justificar a existência é a base do movimento, querer o homem livre é querer que haja ser, é querer o desvelamento do ser na alegria da existência, para que a ideia de libertação tenha um sentido concreto, é preciso que a alegria de existir seja afirmada em cada um, a cada instante; é expressando como prazer, como felicidade, como amor, que o movimento rumo à liberdade assume no mundo sua figura carnal e real. Desse modo o nada da angústia não é o nada da morte, a angústia da vida, a negatividade permite transcender incessantemente, pois o não ser que haja ser sustenta a existência rumo ao projeto. “O ser humano existe sob forma de projetos que são não projetos rumo á morte, mas projetos rumo a fins singulares” (Beauvoir, 2005, p168)

O existir não se dá apenas no existente, mas de uma existência com os outros, emergidos no mundo, onde cabe a cada um fazer-se. Nessa perspectiva, nenhuma condição sexual, física, política, social e psicológica impedem a existência.

Segundo Mora:

existência é derivado do latim , e significa “o que está aí” sendo, neste sentido, equiparável à realidade. Seja como for, deve distinguir-se a existência enquanto tal das diversas entidades existentes. Aqui trata-se pois de elucidar a questão da natureza da essência da existência e não de nenhum dos existentes (MORA, 1978, p102)

Beauvoir não está distante desse conceito, pois, segundo ela, o “o que esta aqui” é o humano, mas esse se dá no paradoxo da condição, e o paradoxo encontra-se no reconhecimento da finitude e que esta não é dada, mas essa constrói-se na morte e na vida, ou seja, a ambiguidade que constitui o existir.

A existência é, antes de qualquer coisa, o existir humano. Trata-se daquele cujo ser consiste na subjetividade, isto é, na pura liberdade de eleição. Segundo Beauvoir , não podemos falar, por conseguinte, da *essência* da existência; nem sequer se pode falar de “a” existência: deve falar-se unicamente de “este existente” ou “aquele existente”, cuja verdade é a sua subjetividade.

Podemos concluir que uma pedra não existe no sentido que ela não vive a contradição, a condição ambígua entre fazer ser, em construir-se, ou seja, não é apenas estar aqui, mas é viver a condição humana fazendo-se ser, por mais que este transite em ser nada, em outras palavras, vive a angústia. Desse modo a pedra não existe, uma vez que ela não vive essa contradição, essa ambiguidade. Podemos acrescentar ainda que

o existencialismo se definiu primeiramente como filosofia da ambiguidade [...] é pela ambiguidade de que, em *O Ser e o Nada* Sartre definiu fundamentalmente o homem, este ser cujo ser reside em não ser, esta subjetividade que não se realiza senão como presença no mundo (BEAUVOIR, 2005, p.15)

Em outras palavras, o existir se dá na presença no mundo e essa presença se faz, e esse fazer pressupõe em ser e se fazendo, ao mesmo tempo em que não é. Mas Beauvoir (2005) não dá o existir apenas ao existente, mas, o existir se dá com os outros “[...] eis

que ele o compartilha com todos os seus semelhantes; ao mesmo tempo objeto para os outros, ele nada mais é, na coletividade de que depende” (BEAUVOIR, 2005, p. 14).

Portanto, o existir não é apenas para si mesmo, pois como podemos perceber o existir tem um caráter moral, “está aqui” com os outros se fazendo ser e não ser. Por essa via poderemos compreender que Beauvoir ao falar de existência e liberdade pressupõe uma liberdade engajada, da ação de uma filosofia prática.

4. A EXISTÊNCIA ENQUANTO AMBIGUIDADE

Como já havíamos dito o existir se dá pelo “o que está aí”⁴ entendido por estar “jogado” no mundo. Este estar jogado no mundo é o que vai constituir a liberdade que é fazer escolhas, pois nesta condição onde não há ser destinado, mas, aquele que se faz nas escolhas, percebe-se que estas não são fáceis, uma vez que a existência está mergulhada na ambiguidade. Mas o que seria essa ambiguidade tratada por Simone de Beauvoir?

A existência é constituída dessa dualidade, ou melhor, “dessa trágica ambivalência” (BEAUVOIR, 2005, p.13). Assim se introduz um novo paradoxo em seu destino. A cada instante ele pode apreender a verdade intemporal de sua existência; mas entre o passado que não é mais e o futuro que ainda não é, existe esse instante em que a existência se dá.

Segundo ela, “desde que há homens e que eles vivem, todos experimentaram essa trágica ambiguidade de sua condição” (BEAUVOIR, 2005, p.14). A ambiguidade para ela é entendida como trágica, pois o existente transita em duas condições: em ser e nada ser, em vida e morte; essa condição traz a angústia que é característica da condição humana, ou seja, a ambiguidade constitui-se nessa contradição, ao mesmo tempo em que ele é e não é.

Esse fracasso é definitivo, mas é também ambíguo, pois “o homem, diz Sartre, é um ser que se faz falta de ser a fim de que haja ser” (BEAUVOIR, 2005, p 16). Isso significa dizer que só ele mesmo pode se justificar, se dar as razões de ser. Essa falta de

⁴Martin Heidegger Em o ser e tempo apresenta o termo Dasein, isto é, “Ser-aí, presente, disponível, existir”. Para ele, o Dasein unifica o homem, evitando a tradicional tripartição em corpo, alma e espírito. Ele não localiza a essência do homem em alguma faculdade específica, tal como a razão. Um dos aspectos centrais de Dasein, junto com o ser-lançado e a decadência, é a existência, e isto significa que ele tem de decidir como ser.

ser a fim de que haja ser indica uma *intencionalidade*. Sempre que Beauvoir se refere à intencionalidade do ser, ela utiliza a afirmação de que *o ser quer desvelar o dado* e que *o ser deseja revelar-se no dado do mundo*.

É sempre esta compressão de dois momentos, e ao descrever essa intencionalidade, Beauvoir acaba por realizar uma caracterização destes momentos. O primeiro momento é quando o ser desvela-se no dado do mundo, revelando sua espontaneidade. Esse momento é mostrado por Beauvoir como desejado e, por isso, envolvido por uma *alegria original*, uma vez que é a única possibilidade de realização ontológica. No segundo momento, o ser quer ser o dado desvelado e, por isso, é um momento marcado pela *angústia do fracasso* de não atingir essa realização, e também da tensão em afirmar-se como existente, mesmo ao perceber que não é o dado revelado.

A própria percepção da impossibilidade de ser o que não é afirma o ser como soberano em si mesmo, convertendo o fracasso de não ser o dado desvelado em sucesso pela confirmação de perceber-se um ser desvelado. E é neste lapso de tempo, entre um momento e outro, que ocorre a escolha ontológica entre afirmar-se ou alienar-se no dado. Mas, em seguida, o ser precisa retomar seu movimento de superação, uma vez que é quando se lança na empresa de desvelar a si e ao mundo que realiza sua existência, pois não é em vão que o homem *nadifica* o ser: graças a ele o ser se desvela, e ele quer esse desvelamento. Revelar-se em ser, para si e no mundo, “significa dizer que, em sua vã tentativa de ser Deus, o homem se faz *existir* como homem, e se satisfaz com essa existência, ele coincide exatamente consigo” (BEAUVOIR, 2005, p 17).

Segundo Beauvoir (2005), não podemos confundir a ambiguidade com o absurdo, pois declarar a existência absurda é negar que ela possa dar a si um sentido, é afirmar que seu sentido jamais é fixado e que ele deve incessantemente ser conquistado, o absurdo recusa toda a moral. Já na ambiguidade reside o movimento o fracasso do homem rumo ao ser e a sua própria existência, pois é através do fracasso assumido que ele se afirma como liberdade. Querer proibir a um homem o erro é proibir-lhe que realize sua própria experiência, é privá-lo da sua vida.

Podemos concluir que a ambiguidade afirma a liberdade, e essa por sua vez, não deve ser confundido com o absurdo, uma vez, que o absurdo é a falta de justificativa. Já a ambiguidade é o “o que esta aí” vivendo a condição de que se faz falta de ser a fim de que haja ser, desse modo ele transcende e desvela-se dando uma justificativa a sua existência, através da liberdade, assim existência é ser e nada ser. O ser se faz ao mesmo tempo em que ele não é, pois se fosse, não necessitaria fazer-se e se nada fosse não

poderia fazer-se uma vez que não é, ou seja, o ser é fazer-se, o nada como angústia de ser é que constitui a ambigüidade da existência.

5. A LIBERDADE SE DÁ NO TEMPO.

Ainda falta nos perguntar se o tempo é o fim visado pela liberdade a si própria? E se se supõe que ela se realize como unidade através do fracionamento do tempo?

Podemos responder da seguinte maneira, é nessa ambigüidade do fracionamento do tempo e a unidade do mesmo que a existência vai se fundando. A decisão e a escolha se dão no tempo, uma vez que, quando o sujeito consegue reconhecer-se no passado e projetar-se no futuro, a partir disso pode organizar seu comportamento, estando livre para decidir e escolher. Por isso que a uma criança não se põe nenhuma questão moral, enquanto ela for incapaz de reconhecer e de organizar esse passado e futuro.

A força temporal é o que compõe a existência em uma transcendência rumo à liberdade. Podemos compreender que, para Beauvoir (2005), o construir-se não é algo velado, a consciência afirmada em seu pensamento; mas em sua concretude e, no mais, a liberdade é uma condição temporal em que a existência se lança e se projeta a cada dia (presente), para o amanhã (futuro), que considera como uma realidade dada a cada instante.

Beauvoir critica o cristianismo e o sistema hegeliano, na medida em que estas abordagens consideram o futuro no sentido de uma teleologia (messiânica ou apocalíptica), como se o presente nada fosse, pois apenas o futuro é que justificaria a existência. Seja com a vinda do Messias, ou a síntese e realização do Espírito Absoluto, ou o seu contrário, o apocalipse, o futuro é entendido como futuro redentor e único. Para ela, o presente é uma espécie de trampolim, uma escada a ser subida, “o presente é a existência transitória que é feita para ser abolida: ela só se recupera transcendendo rumo à permanência do ser futuro” (BEAUVOIR, 2005, p.96).

O presente e o futuro não são passagens, mas realidades singulares que se colocam enquanto projeto de ser. Mas esse ser não é redentor do presente, uma vez que a ausência, a não presença do futuro, coloca a existência em estado de angústia, pois o fazer-se ser é projetar-se para ser quando ainda não é.

Falar de singular é tão fundamental para Beauvoir (2005), pois olhar para o espaço-tempo universal é negar a singularidade do espaço-tempo de cada existência, no entanto há a universalidade na História e no Homem, mas “o homem, a humanidade, o

universo, a história são, segundo Sartre, “totalidades destotalizadas”, ou seja, a separação não exclui a relação, nem o contrário” (BEAUVOIR, 2005, p.100). Elas por si mesmas (singularidades) são totalidades que fazem parte da universalidade, nesse sentido podemos compreender por analogia, só há sociedade e humanidade através da existência de indivíduos singulares.

Nessa temporalidade de presente e futuro é que a existência se faz, o presente é absolutamente presente, pois “é preciso afirmar a existência no presente se não se quiser que a vida inteira se defina como uma evasão rumo ao nada” (BEAUVOIR, 2005, p.102). Viver o presente é se colocar na realidade na finitude na limitação do tempo, morrer é presente viver também, pois é morrendo a cada dia que se vive. É nessa relação que Beauvoir cita Bataille:

É por isso que, como mostrou Bataille, ela se caracteriza pela destruição; a moral do ser é a moral da poupança: acumulando, visa-se à plenitude imóvel do em-si; a existência, ao contrário, é consumo: ela só se faz desfazendo-se (BEAUVOIR, 2005, p. 103).

A existência não deve negar esta morte que ela porta em seu cerne, mas querê-la, ela deve afirmar-se como absoluto em sua própria finitude; é no seio do transitório que o homem se realiza, ou nunca, uma vez que cada existência é única. É nessa relação temporal que a existência tenta nela confirmar-se positivamente enquanto existência.

As escolhas devem tender a um fim, mas esse fim não deve cair no acabamento da escolha, mas o tempo deve possibilitar a unidade da escolha, que foi realizada, mas que não deve ser esquecida, pois, essa constitui o presente e o lança para o futuro, em outras palavras, esse movimento de transcendência exige que jamais o deixe recair inutilmente sobre si próprio, que o prolongue indefinidamente.

Desse modo, não poderia querer autenticamente um fim sem querê-lo através da existência inteira: “querer é engajar-me em preservar em minha vontade” (BEAUVOIR, 2005, p. 28). Querer e vontade são duas potencialidades do sujeito, pois são elas que mantêm a escolha e a vontade para o engajamento, ou seja, estar lutando e concretizando esse querer e a vontade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste estudo, vimos que os movimentos do existir são os fundamentos da ideia de liberdade presente na obra de Simone de Beauvoir. Estes movimentos oferecem ao sujeito a escolha de demissão ou assunção de sua existência. A demissão parece se tratar de uma consequência da descontinuidade da confirmação subjetiva de liberdade existencial, observadas tanto na situação de opressão quanto no descomprometimento do existente com o envolvimento dado pela facticidade da existência, favorecendo de algum modo o desenvolvimento de certa acomodação por parte do sujeito em realizar a sua própria escolha.

O sujeito não deve busca ser, mas desejar que haja ser; querer-se livre e querer que haja ser é uma única e mesma escolha: a escolha que o homem faz de si mesmo enquanto presença no mundo. Neste sentido é preciso que a liberdade se projete rumo a sua própria realidade, é preciso encarar, viver a realidade do mundo e não fingir um mundo. O haja ser é lançar-se para, o querer que haja ser é desejar lançar-se para, e isto é liberdade, ou melhor, “estar sendo”. Mas este haja ser não se põe ao sujeito único, pois só se pode revelar o mundo sobre um fundo de mundo revelado pelos outros homens, desse modo, o desvelamento ou o desvelar-se não compõem apenas para o sujeito mas os desvelamentos interagem uns com os outros, em outras palavras, nenhum projeto se define a não ser por interferência com os outros projetos, fazendo “com que haja” ser e comunicando-se através do ser com o outrem.

A liberdade é uma faculdade do sujeito onde ele projeta e emana a subjetividade, mas põe por si mesmo a superação e a subjetividade, no sentido de mostrar-se com os outros. Operando a subjetividade, mas também reconhecendo a subjetividade dos outros, pois é apenas na existência dos outros homens que o homem pode encontrar uma justificação para sua própria existência.

Somos liberdade com os outros, não existe uma moral para somente si, a moral existencialista coloca-se para com os outros, pois é preciso estar engajado, uma vez que querer-se livre é querer ser livre com os outros.

Demitir-se de existir seria a atitude que o indivíduo toma em “aceitar a vida como ela é”, parodiando a máxima popular, e, como a própria máxima sugere, acomodar-se em algum nicho existencial “pronto”. Por outro lado, assumir a liberdade é comportar-se de acordo com a ideia de que uma situação existencial estabelecida e acabada não é

autêntica, uma vez que o humano é originalmente motivado pela intenção de desvelar e de superar o já desvelado.

GROUNDS FOR FREEDOM IN BEAUVOIR DE SIMONE

ABSTRACT

This article addresses the issue of freedom in Simone de Beauvoir. We will cut the work *As a Moral Ambiguity* of where we understand what has to be the freedom to Beauvoir. According to the philosopher, man is naturally free, so that no target can be attributed to it, since there is no essence but existence, and this is given by the presence in the world. While the existence states this freedom constitutes practical possibilities, these possibilities given solely for the choices, however, these are not facies, since there is steeped in ambiguity. We live in anxiety between being what one does miss being in order that there be, in which this prove we find an intentionality in unveiling in the joy and unfold in the failure of anguish from realizing that it is not . But being the existence steeped in ambiguity, this is done in time, since the condition is temporary, where the existence launches projects every day (this) for tomorrow (future) which it regards as a reality given every moment.

Keywords: Freedom. Existence. Ambiguity. Time

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Martins Fontes: São Paulo, 2007

BEAUVOIR, Simone. **Por uma moral da ambigüidade**. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 2005.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo: fatos e mitos**. Difusão europeia do livro: São Paulo, 1970

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo: a experiência vivida**. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1980.

BEAUVOIR, Simone. **Memórias de uma moça bem comportada**. Trad. de Sérgio Milliet. Nova Fronteira:Rio de Janeiro,1983

DESCARTES, René. **Meditações Metafísicas**. Martins Fontes: São Paulo, 2005.

GOMES, Márcia; MOTA, Alda Brito; SARDENBERG, Cecília. **Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas**. Coleção Bahianas 5:Salvador, 2000.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Vozes 15 ed: Petropolis,2005.

KIERKEGAARD, Soren. O desespero humano. Coleção pensadores. Abril cultural: São Paulo,1979.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação á Historia da Filosofia: Dos Pré-Socráticos a Wittgensteins**. Jorge Zahar 8 ed: Rio de Janeiro,2004.

MORA, José Ferrater.**Dicionário de Filosofia**.Dom Quixote: Lisboa, 1978.

SARTRE, Jean Paul. **O Existencialismo é um Humanismo**. Coleção os Pensadores vol. XLV.Abril Cultural: São Paulo,1973.

VIANA, Márcia Regina. **Demissão ou assunção da existência: uma questão moral em Simone de Beauvoir**. Annablume: São Paulo, 2009.